

## Reflexões acerca do curso de Letras Libras e suas contribuições para a construção de novas perspectivas na educação a distância

*Reflections on the course Letras Libras and its contributions to the construction of new perspectives in distance education*

### Betty Lopes

Mestranda em Tradução pelo Programa de Pós Graduação em Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras Libras, UFSC (2006) e tutora do curso de Letras Libras da turma 2008. E-mail: betyllaa@gmail.com

### Carolina Ferreira Pego

Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras Libras, UFSC (2008). E-mail: carol.pego@gmail.com

Recebido em 12 de maio e selecionado em 02 de outubro de 2014

## RESUMO

O artigo objetiva discutir questões teóricas concernentes à Educação a Distância e à Língua Brasileira de Sinais, a partir de uma análise bibliográfica e relatos de experiências dos próprios autores, tutores e alunos do curso de Letras Libras. Essa discussão faz-se importante para compreender o contexto em que o curso de Letras Libras a distância surgiu e quais as contribuições da EaD para o desenvolvimento desse projeto inovador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O primeiro curso de Letras Libras a distância foi implementado pela UFSC, em 2006 (licenciatura) e posteriormente, em 2008 (licenciatura e bacharelado), formando 1.079 pessoas em todas as regiões do país. Essa proposta inovadora tem a Língua Brasileira de Sinais como língua de instrução, com o apoio do Português escrito e uso de diferentes materiais – ambiente virtual de ensino, DVDs, material impresso – em seu processo de ensino e aprendizagem. O curso é organizado a partir das experiências visuais e recorreu a profissionais de diferentes áreas (design, sistemas de informação, computação, educação e outros colaboradores) para alcançar o objetivo de criar um curso “surdo”, conforme Quadros e Stumpf (2009). Percebe-se a importância dessa modalidade de educação ser inserida no contexto educacional,

paulatinamente à difusão da Libras no cenário socioeducacional brasileiro.

**Palavras-Chave:** Língua Brasileira de Sinais. Educação a Distância. Letras Libras.

## ABSTRACT

*This article aims to discuss theoretical issues concerning Distance Education (DE) and Brazilian Sign Language, by means of a literature review and reports of the authors' experiences, as well as those of Letters Libras' tutors and students. This discussion is important to understand the context in which Letters Libras distance course arose and what are the contributions of DE for the development of this innovative project at Federal University of Santa Catarina (UFSC). The first Letters Libras distance course was implemented by UFSC in 2006 (licentiate degree) and later on, in 2008 (licentiate and bachelor degree), providing college education to 1.079 people in all regions of the country in a six-year span. This innovative approach involved Brazilian Sign Language as the language of instruction, with the support of written Portuguese and different materials – a virtual learning environment, DVDs, printed*

*materials – for the teaching and learning process. The course was organized on the basis of visual experiences and resorted to professionals from different fields (design, information systems, computing, education and others) to achieve the goal of creating a “Deafcourse”, as Quadros and Stumpf (2009) state. One realizes the importance of this type of education being included in the educational context, gradually spreading Libras in the Brazilian socio-educational context.*

**Keywords:** *Brazilian Sign Language. Distance Education. Letters Libras.*

## INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a discutir a educação a distância e especificamente o curso de Letras Libras a distância. Com o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), pela Lei nº 10436/2002 e do Decreto nº 5626/2005, algumas medidas foram tomadas com o objetivo de formar profissionais capacitados para atuarem na educação de surdos e a modalidade a distância foi uma alternativa que possibilitou que o curso atendesse diferentes regiões do país.

Desde o século XIX, a Educação a Distância (EaD) tem possibilitado um novo olhar para o processo de ensino e aprendizagem que vai além da sala de aula. Essa modalidade, que teve início há dois séculos por meio dos cursos por correspondência, tem se desenvolvido progressivamente, assim como as tecnologias de informação e comunicação, propiciando novos modelos educacionais, tornando acessível às pessoas a oportunidade de buscar novos conhecimentos, sem precisar sair de casa.

Dessa maneira, o curso de Letras Libras a distância surgiu com a finalidade de proporcionar aos surdos e ouvintes bilíngues uma formação que atendesse aos requisitos exigidos por lei, e que, sobretudo, garantisse a capacitação desses profissionais espalhados em vários estados brasileiros. O pioneirismo da UFSC garantiu a formação de 1.079 profissionais na área em todo o país, professores e intérpretes que atualmente atuam em instituições de educação básica e também superior e que têm colaborado nas pesquisas e trabalhos voltados para a educação de surdos.

Este trabalho irá discutir algumas questões teóricas referentes à educação a distância e à Libras, além de apresentar como se deu o desenvolvimento do curso de Letras Libras, com destaque para o aspecto visual e a proposta bilíngue que assegurou a qualidade do curso, oficializado por meio da atribuição do conceito máximo do MEC (nota 5) ao curso de Licenciatura em Letras Libras a distância.

## EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Atualmente, a educação a distância (doravante EaD) tem ocupado um espaço muito importante no mundo acadêmico, possibilitando a capacitação e o aperfeiçoamento de profissionais das mais diversas áreas. Mas o que seria a educação a distância? Alguns autores buscam definir essa modalidade de ensino, como Dohmem (1967 apud ALVES, 2011), que descreve a EaD como uma forma organizada em que a aluna instrui-se a partir do material que lhe é apresentado, com a supervisão de um grupo de professores, pelos meios de comunicação que permitem vencer as longas distâncias. Peters (1973 apud ALVES, 2011) diz que a “Educação a Distância é uma forma industrializada de ensinar e aprender”, isso porque ela é capaz de instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo. Para Chaves (1999 apud ALVES, 2011), a EaD é uma modalidade de ensino em que o ensinante e o aprendente estão separados no espaço ou no tempo. No Brasil, uma definição de Educação a Distância é encontrada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no Artigo 80, regulamentado pelo Decreto nº 2.494 da Presidência da República e expõe que:

Educação a Distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação. (BRASIL, 1998, não paginado).

Hack (2011) complementa afirmando que a EaD é uma modalidade de ensino que visa construir conhecimento de modo crítico e contextualizado, e mesmo que o encontro presencial entre educador e educando não seja possível, a comunicação educativa será assegurada por meio das múltiplas tecnologias. As definições de EaD apresentadas mostram que os meios de comunicação desempenham um papel imensurável no processo de aprendizagem, pois são eles os responsáveis por suprir a distância entre professor e aluno, a fim de propiciar uma comunicação dialógica entre ambos. As tecnologias utilizadas na educação, especificamente na EaD, desenvolveram-se ao longo do tempo, acompanhando as necessidades da sociedade atual.

Tabela 1: A evolução das tecnologias na EaD

<b>▪ Primeira tecnologia: o livro impresso (século XV)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Possibilitou a replicação maciça e barata do conhecimento</li> <li>✓ Possibilitou a alfabetização da população</li> </ul>
<b>▪ Segunda tecnologia: o correio (século XVIII)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Possibilitou a distribuição de material impresso a grandes distâncias e a comunicação bidirecional com o professor</li> <li>✓ Possibilitou o ensino por correspondência</li> <li>✓ Possibilitou a replicação maciça e barata da integração</li> </ul>
<b>▪ Terceira tecnologia: os meios eletrônicos (século XX)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Telégrafo, telefone, rádio, TV e rede de computadores</li> <li>✓ Tirou a necessidade de distribuição de elementos físicos (átomos) e os substituiu por ondas e elétrons (século XX)</li> <li>✓ Agilizou, facilitou e imitou melhor a instrução e a interação</li> </ul>

Fonte: BASTOS, CARDOSO e SABBATINI, 2000 (apud HERMIDA e BONFIM, 2006)

Hack (2011) explica que não podemos considerar a aluna como um sujeito isolado na EaD, uma vez que a interatividade entre professores, colegas e tutores é vista como um ponto crucial nessa modalidade de ensino. É comum o discurso preconceituoso acerca da EaD, justamente por muitas pessoas acreditarem que sem a presença de um professor não pode haver construção de conhecimento, no entanto, ser aluno dessa modalidade de ensino exige um perfil próprio, pois é necessário muita disciplina e autonomia para lidar com os horários, prazos e outras peculiaridades da EaD. Xuequin (2012 apud SANTANA, 2013) explica que a aluna da EaD pode construir conhecimentos a quilômetros da unidade física educacional, e, além disso, pode estudar a qualquer momento por meio dos materiais disponibilizados e da participação nos fóruns e ambientes virtuais. Santana (2013) destaca que os alunos egressos da EaD são mais autônomos psicopedagogicamente se comparados aos alunos presenciais, isso acontece porque eles “passam todo

o processo de ensino e aprendizagem tendo que se autodisciplinar e automotivar de longe”.

Apesar de a EaD ter despontado no século XXI e ter o suporte de diversos recursos tecnológicos, a origem da EaD é marcada pela comunicação por correspondência. Segundo alguns pesquisadores (VASCONCELOS, 2010; GOLVÊA & OLIVEIRA, 2006 apud ALVES, 2011), no ano de 1728 um curso foi oferecido pela Gazeta de Boston, em que o Prof. Caleb Philipps oferecia material para ensino e tutoria por correspondência. De acordo com Hack (2011), o investimento na EaD teve início somente com “o barateamento e a regularização dos serviços postais, aproximadamente no ano de 1840, quando foi lançado, na Inglaterra, o primeiro selo da história do correio” (HACK, 2011). Assim, começaram a surgir novas experiências com cursos a distância, especialmente no ensino superior. No quadro abaixo, podemos ver alguns marcos históricos da EaD em diferentes países:

Tabela 2: Implantação da EaD no ensino superior em alguns países

Países	Ações
África do Sul	País que atua há mais tempo com o ensino superior a distância. A University of South Africa é a instituição que trabalha desde 1946 com a EaD.
Estados Unidos	Fundação do Empire State College, em 1971, com o intuito de ampliar o acesso ao ensino superior, especialmente aos adultos profissionalmente ativos, donas de casa e membros de minorias étnicas.
Alemanha	Em 1974, foi criada a Fernuniversität com o objetivo de aliviar a superlotação das universidades presenciais. A instituição tem como missão o cultivo e o desenvolvimento das ciências por meio de pesquisa, ensino e estudo.
Japão	Fundação da University of the Air no ano de 1983. O rádio e a televisão são muito utilizados na instituição e o material impresso exerce um papel complementar.
Canadá	Experiência consorciada entre universidades do estado de Ontário, chamada Contact North, criado em 1986. O consórcio é formado por quatro universidades: Laurentius University, Lakehead University, Cambrian College e Confederation College.
Espanha	No ano de 1995 foi criada a Universitat Oberta de Catalunya. Utilizam um campus virtual (ambiente virtual do EaD) e não possuem campus físico.

Fonte: Hack (2011)

No Brasil, o ensino superior a distância foi oficializado a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e foi atribuído ao Poder Público o:

papel de incentivar [...] o desenvolvimento [...] de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades [...], e de educação continuada” (BRASIL, 1996, não paginado). “[...] o desenvolvimento [...] de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades [...], e de educação continuada (BRASIL, 1996, não paginado apud HACK, 2011).

No entanto, a história da Educação a Distância é marcada por alguns acontecimentos no século XX. Alves (2011) apresenta como marco inicial da EaD no Brasil o anúncio no Jornal do Brasil, em 1904, que oferecia profissionalização por correspondência para datilógrafo. Outro fato importante da Educação a Distância foi a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que “oferecia curso de Português, Francês, Literatura Francesa, Esperanto, Radiotelegrafia e Telefonia”, dando início à EaD pelo rádio brasileiro (ALVES, 2011). Ao longo do tempo, essa modalidade foi conquistando espaço no Brasil e a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), em 2005, surgiu com o objetivo de expandir a oferta de cursos de ensino superior no país.

O Decreto nº 5800, de 8 de junho de 2006, dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e destaca como objetivos do sistema:

I - oferecer, prioritariamente, cursos de licenciatura e de formação inicial e continuada de professores da educação básica;

II - oferecer cursos superiores para capacitação de dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;

III - oferecer cursos superiores nas diferentes áreas do conhecimento;

IV - ampliar o acesso à educação superior pública;

V - reduzir as desigualdades de oferta de ensino superior entre as diferentes regiões do País;

VI - estabelecer amplo sistema nacional de educação superior a distância; e

VII - fomentar o desenvolvimento institucional para

a modalidade de educação a distância, bem como a pesquisa em metodologias inovadoras de ensino superior apoiadas em tecnologias de informação e comunicação.

A Universidade Aberta do Brasil tem conseguido alcançar os objetivos almejados com sua criação e em 2009, 88 instituições integravam o Sistema UAB, entre universidades federais, estaduais e institutos de educação, ciência e tecnologia, oportunizando à grande parte da população acesso à educação pública superior.

Comparado a alguns países, o ensino superior a distância no Brasil ainda é muito recente e marcado por alguns desafios relacionados ao desenvolvimento tecnológico, a qualificação docente e a pressão por aumento de vagas. Embora existam muitos obstáculos a serem superados na EaD, os pontos positivos tornam essa modalidade uma oportunidade de aperfeiçoamento para muitas pessoas, pois apresenta redução de custos de recursos educacionais, nivela desigualdades entre grupos etários e promove campanhas educacionais para públicos-alvo específicos (MOORE e KEARSLEY, 2007). O curso de Letras Libras foi uma das iniciativas de ensino superior a distância que visou à formação dos profissionais de um grupo específico, pessoas envolvidas na educação de surdos, professores e intérpretes/tradutores. Nas próximas seções discutiremos um pouco sobre a Língua Brasileira de Sinais e o curso de Letras Libras a distância.

## A LIBRAS E SEU RECONHECIMENTO LINGÜÍSTICO NO CAMPO EDUCACIONAL

Torna-se necessário, antes de expor a estrutura da EaD do curso de Letras/Libras, esclarecer o conceito, muitas vezes confuso, que muitos têm sobre essa língua, a Libras. A Libras foi reconhecida pela Lei nº 10436/2002, como a língua oficial da comunidade surda brasileira:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente

da interação entre pessoas e devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito-descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato-enfim, admitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 2).

A principal diferença entre as línguas orais-auditivas e as espaço-visuais consta no modo de organização da estrutura da língua. As línguas orais-auditivas são sequenciais, isto é, os fonemas se sucedem um após o outro. Já as línguas espaço-visuais são simultâneas, pois os sinais possuem uma estrutura paralela, podendo-se sinalizar utilizando várias partes do corpo ao mesmo tempo, inclusive modificando o sentido com a expressão facial (QUADROS, KARNOPP, 2004).

Os estudos linguísticos das Línguas de Sinais são recentes, e iniciaram-se com os trabalhos de Stokoe, na década de 1960. Segundo Quadros e Karnopp (2004), Stokoe, em suas pesquisas, apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana, revolucionando a linguística na época, pois, até então, todos os estudos linguísticos estavam voltados para a análise das línguas orais. Pela primeira vez um linguista estava apresentando os elementos linguísticos de uma língua de sinais. Assim, as línguas de sinais passaram a ser vistas como línguas de fato. Até então, as línguas de sinais eram consideradas gestos ou pantomima, incapazes de expressar conceitos abstratos. Ainda hoje, há muito preconceito e desconhecimento sobre essas línguas, inclusive pela própria comunidade acadêmica, que desconhece seu real status linguístico, ou seja, de língua natural.

No Brasil, os estudos sobre a Libras datam da década de 1980, por Ferreira-Brito e Felipe, seguidos por Karnopp e Quadros. Para Quadros e Karnopp (2004), a Libras apresenta alguns traços atribuídos às línguas naturais, como: flexibilidade e versatilidade; arbitrariedade; descontinuidade; criatividade/ produtividade; dupla articulação; padrão e dependência estrutural.

Assim, as línguas de sinais possuem todos os níveis de análise de quaisquer outras línguas, ou seja, o nível sintático (estrutural), o nível semântico (significado), o nível morfológico (formação de palavras), o nível fonológico (unidades mínimas) e o nível pragmático (contexto comunicativo e discursivo). Os estudos das Línguas de Sinais apresentam consideráveis contribuições para o campo da linguística, pois, conforme Correa (2007) “representam evidências de que as pesquisas linguísticas devem envolver também a estrutura de uma língua cinésico-visual; essa modalidade apresenta vias de recepção e produção totalmente diferentes das línguas orais, até então a

única fonte de dados”.

Considerando-se o contexto das pesquisas acadêmicas que demonstram a contribuição e a riqueza das línguas de sinais, o panorama social-educacional atual e a legislação que reconhece seu status linguístico, percebeu-se a necessidade de um curso que efetivamente formasse profissionais para o ensino e a tradução/interpretação dessa língua, surgindo, assim, a graduação em Letras Libras.

## O CURSO DE LETRAS LIBRAS A DISTÂNCIA

A partir da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e do Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, os surdos conquistaram um espaço importante no que se refere à educação de surdos e ao aperfeiçoamento dos profissionais envolvidos com a comunidade surda. A fim de atender as orientações do Decreto nº 5626, que incumbe às instituições de ensino superior o direito de solicitar ao Ministério da Educação a autorização de cursos de licenciatura em Libras e especialização em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, a UFSC criou o primeiro curso de Letras Libras no Brasil, na modalidade a distância, o primeiro curso EaD voltado para as pessoas surdas. O curso de Letras Libras teve projeto piloto com três turmas, uma em 2006 somente com habilitação em licenciatura e as outras duas em 2008, com habilitações em licenciatura e bacharelado.

O curso possui um diferencial dos outros cursos a distância por ter como língua-alvo a Libras. A Lei nº 10.436, em 24 de abril de 2002, estabelece que a Libras é o meio legal de comunicação e expressão do surdo. Assim, as instituições de ensino público devem adequar-se a essa realidade e proporcionar a esses alunos o uso da Libras como primeira língua no processo do ensino e aprendizagem, desde a educação infantil até os níveis mais elevados do ensino, como consta no Artigo 6º dessa referida lei. O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, assevera o direito do surdo à educação bilíngue, tendo a Libras como língua materna e a Língua Portuguesa como segunda língua. Sabendo desse direito, a equipe de professores, técnicos e colaboradores envolvidos no curso desenvolveram recursos e estratégias que possibilitaram a formação que lhes era assegurada por lei. A tecnologia visual foi a principal aliada dos professores, alunos e envolvidos no desenvolvimento do curso, propiciando experiências que ultrapassaram a barreira do tempo e espaço.

A primeira turma foi direcionada para formação de professores de língua de sinais, e contou com nove polos, em nove estados brasileiros: Amazonas (UFAM),

Ceará (UFC), Bahia (UFBA), Brasília (UNB), Goiás (CEFET-GO), Rio de Janeiro (INES), São Paulo (USP), Rio Grande do Sul (UFSM) e Santa Catarina (UFSC). Dos 500 alunos que iniciaram o curso, 389 concluíram a Licenciatura em Letras Libras, segundo dados da UFSC.

Em 2008, foram criadas duas habilitações-licenciatura e bacharelado. Dessa vez, o curso contou com 15 polos, em 15 estados brasileiros: Pará (UEPA), Ceará (UFC), Rio Grande do Norte (IF-RN), Pernambuco (UFPE), Bahia (UFBA), Goiás (IFG), Brasília (UNB), Mato Grosso do Sul (UFGD), Espírito Santo (UFES), Rio de Janeiro (INES), Minas Gerais (CEFET), São Paulo (UNICAMP), Paraná (UFPR), Rio Grande do Sul (UFRGS) e Santa Catarina (UFSC). Em 2008, o número de alunos matriculados chegou a 900 (450 bacharelado e 450 licenciatura), e 690 concluíram o curso (378 bacharéis e 312 licenciados).

O sucesso da iniciativa da UFSC resultou no curso Letras Libras presencial, iniciado em 2009, e no primeiro semestre de 2014 a modalidade a distância contou com novas turmas com três polos em três

estados brasileiros: Maranhão, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, como um curso regular e não mais como projeto.

O curso de Letras Libras a distância teve o suporte de uma equipe técnica qualificada para desenvolver materiais e suportes didáticos. Para atender a proposta bilíngue do curso e proporcionar a todos os alunos um ensino de qualidade, o curso precisou usufruir de diferentes tecnologias. O projeto “Ambiente Hipermídia para o curso Letras Libras” desenvolveu o ambiente virtual de ensino-aprendizagem (AVEA), os hiperlivros didáticos e os vídeos do curso, com o apoio dos fundamentos de Design, dos Sistemas de Informação e da Computação (QUADROS e STUMPF, 2009). Todo o curso foi pensado com o objetivo de valorizar o aspecto visual e promover o aprendizado do surdo e segundo Quadros e Stumpf (2009), o profissional de design foi um importante aliado nesse processo, pois foi o responsável por auxiliar na preparação dos materiais on-line, digital e impresso, implantação no Ambiente Virtual de Aprendizagem e produção dos DVDs.



Figura 1: Material impresso, digital e on-line do curso Letras Libras.

O trabalho da equipe de professores e técnicos resultou em um padrão visual diferenciado, como

podemos ver no layout do site (<http://www.ufsc.libras.br/>) a seguir:



Figura 2: Layout do site do Letras Libras e do AVEA.

Como podemos ver, o curso buscou uma proposta que atendesse às expectativas e necessidades dos alunos envolvidos, e por isso utilizou a Libras, o Português na modalidade escrita e também a escrita de sinais (SignWriting) no AVEA. Nesse ambiente, há um glossário com os termos acadêmicos em Libras e Português e a Coleção Letras Libras, também nas duas línguas. O site continua disponível atualmente, inclusive para acesso à Coleção de Libras que dispõe de materiais com conteúdos dos três eixos do currículo do curso: Eixo de Formação Básica, Eixo de Formação Específica e Eixo de Formação Pedagógica. A construção curricular para educação de surdos, segundo Neder (2004):

[...] pode contribuir significativamente não só para a transformação dos métodos de ensino e da organização do trabalho pedagógico, mas também para a utilização adequada das tecnologias de midiaticização da educação, implicando, nesse caso, uma redefinição da comunicação nos processos educacionais.

Desse modo, o curso de Letras foi organizado a partir das três áreas de conhecimento, a fim de proporcionar uma formação pedagógica e linguística dos profissionais que atuarão na educação de surdos. A área de conhecimentos específicos envolve as disciplinas concernentes às línguas de sinais. A segunda área de conhecimentos, de formação pedagógica geral, envolve as disciplinas que discutem e analisam os processos educativos e, por fim, a área de formação pedagógica específica apresenta disciplinas que envolvem a formação do professor.

O curso de Letras Libras foi desenvolvido com aproximadamente 70% da carga horária a distância e 30% presencial. De acordo com Freitas (2009), nos

encontros presenciais eram realizadas as seguintes atividades:

- Interação em videoconferência entre professores das disciplinas, professores tutores e alunos;
- Encontro de estudos presenciais entre professores tutores e alunos para esclarecimentos de dúvidas e aprofundamento de questões;
- Oficinas (PCC) e organização e acompanhamento de atividades de estágio supervisionado;
- Exames: avaliações presenciais das disciplinas atendendo à legislação específica para EAD e à regulamentação da UFSC. Os exames são elaborados pelos professores, e aplicados pelos mesmos tutores nos polos regionais.

A equipe pedagógica do curso foi formada pelo professor da disciplina, professor tutor no polo e intérprete. Como discutido anteriormente, a EaD precisa estar preparada para lidar com a distância e o tempo, e por isso o papel da tutora nesse processo é fundamental, uma vez que o “sistema tutorial compreende um conjunto de ações educativas que contribuem para desenvolver e potencializar as capacidades básicas dos alunos, orientando-os a obterem crescimento intelectual e autonomia” (SOUZA et al., 2007, p. 2). Além do apoio presencial, a tutora também possuía o papel de pensar no desenvolvimento do curso e estar em aperfeiçoamento constante, por meio da formação continuada, que se destinava à troca de experiências entre os participantes, a esclarecimentos de dúvidas sobre o andamento do curso, ao contato com os

professores e monitores da Universidade Federal de Santa Catarina responsáveis pelas disciplinas do período letivo, à discussão dos pontos positivos e negativos e ao acolhimento dos profissionais dos polos

pelo grupo sediado na UFSC. Essa formação constituiu, portanto, um espaço privilegiado para repensar as ações, especialmente a produção dos materiais e as estratégias didáticas. Assim, os tutores acompanharam

Figura 3: Formação de tutores na UFSC (2012).



Fonte: Arquivo pessoal

de perto o processo de aprendizagem dos alunos e conheceram as fragilidades e as potencialidades de cada disciplina ministrada, podendo contribuir no repensar do currículo em todos os seus aspectos.

### RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA TUTORA E UMA ALUNA DO CURSO DE LETRAS LIBRAS

A tutora desse curso ingressou, primeiramente, como aluna da turma de 2006, do polo INES (Rio de Janeiro). Tornou-se tutora da turma seguinte, em 2008, no mesmo polo. Foi em 2006 que teve o primeiro contato com a EaD, familiarizando com o Moodle facilmente, ficando fascinada com o aparato tecnológico da EaD. A outra aluna confirma essa facilidade de acesso ao ambiente virtual e destaca que o fato de ser a Libras uma língua visual, a tecnologia tornou-se um suporte essencial e adequado ao estudo dessa língua, disponibilizado em vídeos, mídias, fóruns e chats.

A experiência como tutora do curso seguinte foi bastante diferente e enriquecedora, pois, em uma turma de 32 alunos, o fato de já ter conhecimento da mídia, dos materiais, do Moodle e principalmente das disciplinas forneceu bases para exercer melhor a sua função de docência e o acompanhamento das disciplinas

e atividades. A cada semestre eram ministradas quatro disciplinas, sendo duas de cada vez, ou seja duas disciplinas a cada dois meses mais ou menos. Para a tutora, foi um grande desafio acompanhar a turma em todas as disciplinas, na correção das atividades (eram cerca de quatro a cinco atividades para cada disciplina, multiplicando isso por 32 alunos). O diferencial foi o fato de que a Libras, sendo uma língua visual, exigia registros de atividades em vídeos, demandando ainda mais tempo e dedicação por parte da tutora. Apesar dessa carga horária elevada de trabalho, mostrou ser um processo enriquecedor para ambas as partes, pois permitia que a tutora acompanhasse cada aluna, ajudando-o em seu crescimento, pois essa modalidade de ensino possibilitava conhecer cada um individualmente, saber da sua capacidade e dificuldade. Essa parceria durou o curso todo, ou seja, foram quatro anos trabalhando juntos na aprendizagem colaborativa.

Certamente a EaD deveria ter outro nome, pois não apenas aproxima, como possibilita que o professor tenha um contato mais próximo, viabilizando conhecer as dificuldades e as qualidades de cada aluno, alcançando cada aluno mais eficazmente.



Figuras 4 e 5: Ministrando uma das disciplinas – Turma de 2008. Formatura da Turma de 2008 – 09/2012.



Fonte: Arquivo pessoal

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EaD aliada à tecnologia paulatinamente mais presente na sociedade acadêmica vem promovendo uma mudança do paradigma no cenário educacional brasileiro. Os conceitos de aprender, ensinar, a relação professor-aluno se modificam e se adaptam às necessidades atuais.

Diante da necessidade de capacitar, em escala nacional, docentes para o ensino de Libras, demanda gerida pela Lei nº 10.436/2002 e pelo Decreto nº 5626, de 22/12/2005, a EaD demonstrou ser a modalidade adequada para atender tal demanda. O pioneirismo da UFSC garantiu a formação de 1.079 profissionais na área em todo o país, professores e intérpretes que atualmente atuam em instituições de educação básica e também superior, e que têm colaborado nas pesquisas

e trabalhos voltados para a educação de surdos. Tal foi a afinidade dessa modalidade educacional que o curso de licenciatura em Letras Libras recebeu conceito máximo do MEC (nota 5) no processo de reconhecimento.

Há previsão, nesse ano, de abertura de mais três polos de Letras Libras na modalidade EaD, em Joinville (SC), São Luís (MA) e Santa Rosa (RS). O curso fornece, expressivamente, subsídios para estudos sobre o impacto dessa modalidade educacional na educação brasileira. Mais uma vez, a Libras, uma língua visual, apresenta contribuições não apenas na linguística, mas na educação, especificamente na educação a distância, fomentando debates sobre os conceitos “aprender” e “ensinar”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. *Revista Brasileira de Educação a Distância*, v. 10, 2011. Disponível em: [http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista\\_PDF\\_Doc/2011/Artigo\\_07.pdf](http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf). Acesso em: 10 jan. 2014.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

[ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)  
Acesso em: 16 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.436, de 24/04/2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm). Acesso em: 15 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei no 9.394/96). Bra-

sília: Presidência da República. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/ftp/leis/D2494.doc>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/ftp/leis/lein9394.doc>>. Acesso em: 25 ago. 2010.

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de Língua de Sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CORREA, R. C. A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FREITAS, Luiz Carlos de Barros. A internet e a educação a distância dos surdos no Brasil: Uma experiência de integração em um meio excludente. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/14750/14750\\_5.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/14750/14750_5.PDF)>. Acesso em: 20 dez. 2013

HACK, Josias Ricardo. Introdução à educação a distância. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. Educação a distância. São Paulo: Thomson Pioneira, 2007.

NEDER, Maria Lúcia Cavalli. A formação do professor a

distância: desafios e inovações na direção de uma prática transformadora. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. STUMPF, Marianne Rossi. O primeiro curso de graduação em Letras Língua Brasileira de Sinais: Educação a distância. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, v.10, n.2, p.169-185, jun. 2009 - ISSN: 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1925>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

\_\_\_\_\_; KARNOPP, Lodenir. Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTANA, Otacílio Antunes. Alunos egressos das licenciaturas em EaD (consórcios setentrionais e UAB:2001-2012), sua empregabilidade e absorção pelo mercado. Revista Brasileira de Educação a Distância, v. 12, 2013. Disponível em: <[http://www.abed.org.br/revistacientifica/\\_Brazilian/2013/3A\\_Artigo\\_Rbaad\\_Portugues\\_2ed.pdf](http://www.abed.org.br/revistacientifica/_Brazilian/2013/3A_Artigo_Rbaad_Portugues_2ed.pdf)>.

Site: <http://www.libras.ufsc.br/>

SOUZA, Carlos Alberto de; SPANHOL, Fernando José; LIMA, Jeane Cristina de Oliveira; CASSOL, Marlei Pereira. Tutoria na educação a distância. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABED, Salvador, 7 a 9 de setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004>>. Acesso em: 05 jan. 2014.